

EDIÇÃO 17

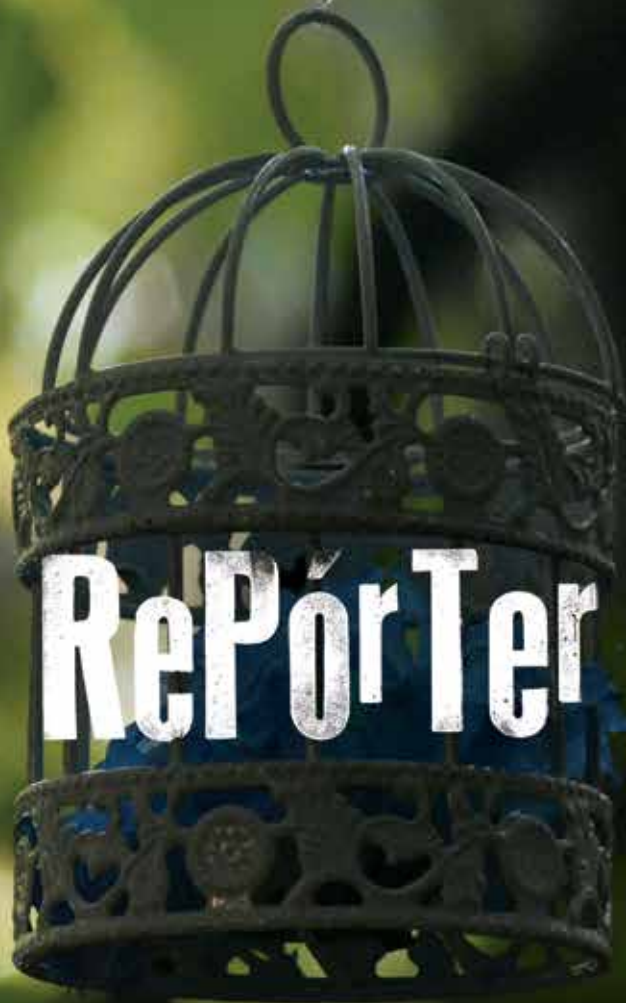
CAMPUS RePórTer

A BRUXA DO PLANALTO CENTRAL

A história da mulher que se divide entre CPIs do Congresso Nacional e religiões pagãs

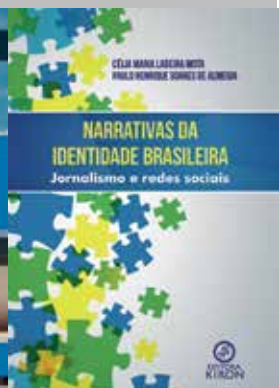
ENTREVISTA

Por 18 anos Jane sobreviveu à fome, frio, violência, drogas e hoje resgata seus irmãos de rua



Estudos em Comunicação

Os cinco livros apresentam o resultado de estudos e reflexões desenvolvidos por pesquisadores da UnB. Também se propõem a debater questões emergentes do Jornalismo e da Comunicação, a partir do diálogo com pesquisadores de várias instituições de ensino e pesquisa brasileiras e de outras partes do mundo.



CARTA DA EDITORA

Esta edição de Campus Repórter apresenta um conjunto de reportagens pautadas pelos jovens que compõem nossa equipe. Elas refletem o olhar deles, preocupado, curioso, sobre o mundo que nos rodeia. É um exercício de uma disciplina prática, em que buscam fazer um jornalismo mais profundo, questionador. A primeira destas histórias é sobre a violência contra mulheres, tratadas como mercadoria em um complexo sistema de tráfico de pessoas. Muitas são capturadas por conta da esperança de realizar sonhos, de ter um trabalho que lhes dê mais dinheiro para ajudar a família pobre; de encontrar um príncipe estrangeiro que lhe dê amor, carinho e uma vida confortável; de se prostituir por um tempo, para voltar e construir uma vida digna, sem precisar vender o próprio corpo. A reportagem encontrou mulheres que conseguiram ser resgatadas, e que hoje vivem escondidas, protegidas para sobreviver. E encontrou famílias que choram a perda da filha que nunca mais vai voltar.

Outra reportagem é um exercício de fotografia. A captura de imagens que mostrem como crianças surdas aprendem a linguagem de libras para serem inseridas na sociedade. O desafio proposto às jovens fotógrafas foi de contar uma história com pouco texto, bastante informativo, e com uma narrativa que servisse de fio condutor das imagens. O inverso do que se vê em geral, em que a imagem tem muitas vezes apenas caráter ilustrativo.

A primeira vila wicca do Brasil, religião neopagã, politeísta e matriarcal é o tema da reportagem que escolhemos para ser a capa deste número 17 de nossa revista. As repórteres acompanharam a festa Mabon, a mais importante do calendário religioso. Observaram o papel de Mavesper, a bruxa que não se encaixa no perfil imaginado para este papel. Além de cuidar da propriedade localizada em Brasília, que funciona como ponto de encontro de praticantes de religiões pagãs, e das celebrações, ela tem uma vida civil agitada, atualmente como assessora da CPI da Petrobras.

Na entrevista, espaço em que escolhemos alguém com autoridade em seu lugar de fala, conversamos com uma ex-moradora de rua que há dois anos se ocupa do resgate de outros iguais, por meio do programa Cidade Acolhedora do Governo do Distrito Federal. Jane, nossa entrevistada, até ser resgatada das ruas viveu o inferno, como quando partes do seu crânio saíram pelo nariz ensanguentado após a surra de um dos seus parceiros violentos.

O espaço que destinamos à arte, desta vez é dedicado aos quadrinhos. O professor e quadrinista Raimundo Lima produziu um trabalho que narra a história dos refugiados, homens, mulheres e crianças em busca de paz, em um mundo em guerra.

Boa leitura

Márcia Marques
Editora Chefe



SUMÁRIO

TRÁFICO DE MULHERES 18

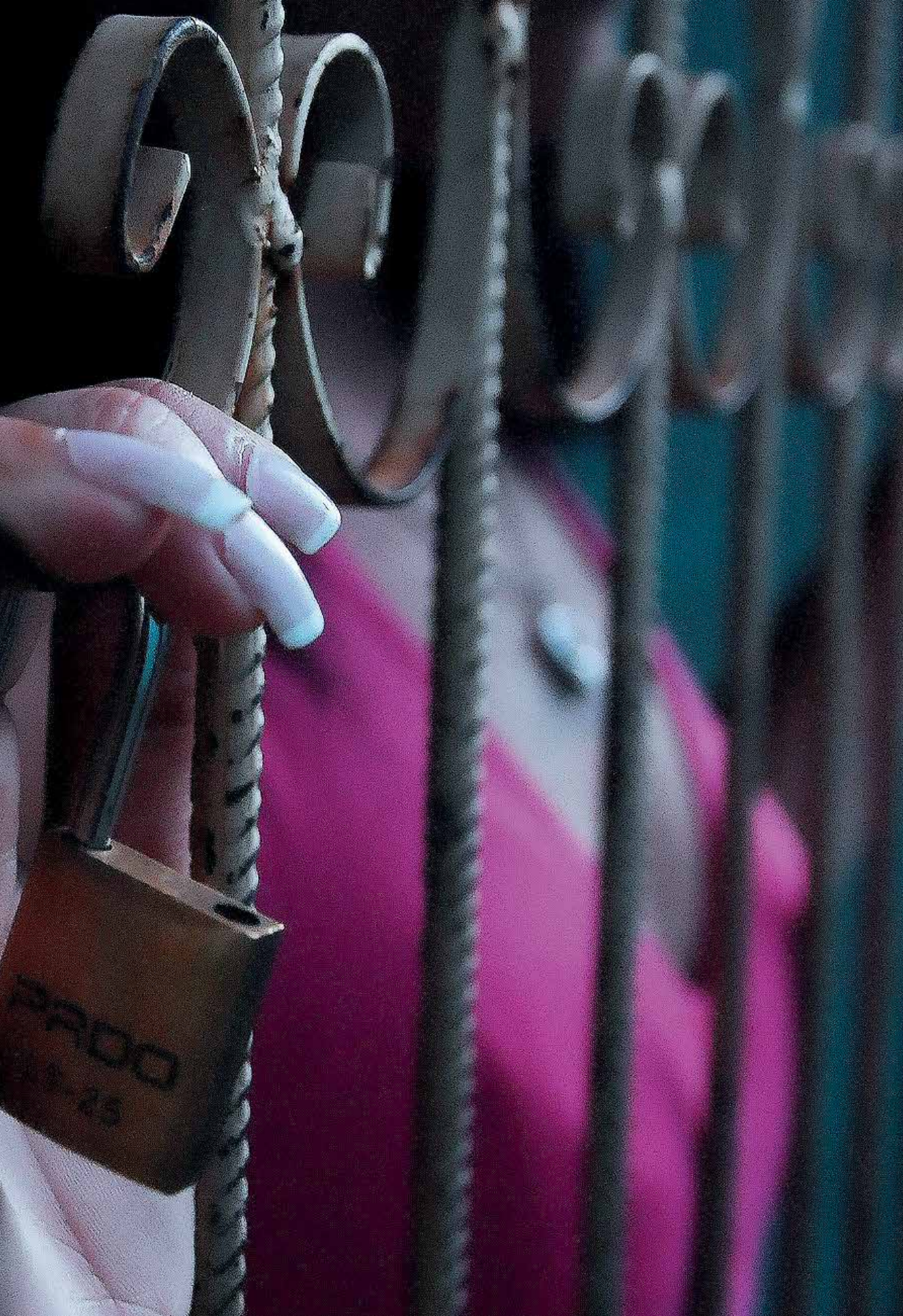
SILÊNCIO E GESTOS 35



DEUSES E DEUSAS 6

ENTREVISTA JANE SILVA 52

REFUGIADOS 61



TRÁFICO DE SONHOS

TEXTO: BEATRIZ PATARO

DESIGN: ISABELLA VELOSO E MARIA CAROLINA BRITO

FOTO: LOYANE ALVES

ILUSTRAÇÃO: JOÃO PEDRO DOEDERLEIN

INFOGRÁFICO: MATHEUS DANTAS ALMEIDA

A escravidão persiste nos tempos atuais disfarçada de formas atraentes. Os prisioneiros são fígados pela falsa esperança de realizarem sonhos e caem em armadilhas sem volta.





Alice, 27, é baiana nascida na cidade de Itamaraju. Ela trabalhou como dançarina, sempre muito vaidosa, mantém unhas bem feitas e corpo em forma. Ainda guarda marcas de seu passado na Suíça. São memórias carregadas de desrespeito e exploração que definem o que viveu. A baiana foi vítima de tráfico de mulheres para exploração sexual. Conseguiu voltar ao Brasil com a ajuda do Projeto Resgate, ONG que retorna pessoas traficadas ao Brasil, com sede em Goiânia, GO, e permanece sob proteção da ONG por mais de um ano.

“Eu não sabia o que era amar alguém ou ser amada. Era só isso que eu queria”, disse a dançarina, que arriscou largar tudo no Brasil e ir ao encontro de um amor na Suíça, sem saber que estava sendo vítima de um esquema de tráfico de pessoas. Ela conheceu, por meio de Bruna, o que sempre procurou: alguém que prometeu a ela amor, carinho, uma vida confortável. Alguém que desse o amor que ela não encontrou em mais ninguém.

Bruna se aproximou de Alice no carnaval de 2014. Ela também é baiana, morava na Suíça e passava férias na Bahia. Passou a ter contato com a vítima quando a convidou para participar de alguns programas. Alice aceitou e a partir de então deu mais um passo dentro da prostituição ciente do que estava fazendo.

Depois de sair com alguns homens por dinheiro, a ex-dançarina apostou em Thomas, um amigo de Bruna que Alice conheceu virtualmente. “Depois de estarmos mais próximas, ela disse que me apresentaria um médico chamado Thomas, que morava na Suíça. Disse também que ele era um cara bacana, romântico, pensava em casar e estava procurando alguém. Então comecei a me relacionar com ele pelo whatsapp”, conta.

Alice nunca teve uma boa relação com a mãe. Não conheceu o pai. E logo cedo, engravidou. Aos 11 anos, sua mãe a colocou no mundo da prostituição para trazer dinheiro para dentro de casa.

“Minha mãe me maltratava muito, dizia que eu não devia ter nascido, que deveria ter me abortado”. Aos cinco, nove e quatorze anos, Franciele sofreu abusos sexuais por pessoas próximas da família. “O Thomas,

mesmo não me conhecendo pessoalmente, mandava mensagens lindas, fotos, dizia que me amava, até mandou cartas para minha casa. Pediu pra eu ir passar um tempo com ele, e eu aceitei”. Depois de ter dito sim ao aliciador, a vítima recebeu dinheiro dele para comprar a passagem, providenciar o passaporte, comprar remédio para a mãe, material escolar para a filha e, além disso, ir ao salão de beleza e comprar roupas novas para viajar. Em março de 2014 ela embarcou de Salvador para Zurique, na Suíça, onde foi recepcionada por Thomas, que a esperava no aeroporto com flores. “Parecia um príncipe”, conta.

Mas, chegando ao apartamento de seu comprador, o pesadelo começou. “Ele mal conversou comigo, e já queria ter relação sexual. Eu pedi pra ele parar, disse que não queria, estava cansada, mas ele não me ouviu. Tive relação sexual com ele, sem vontade e não pude usar nenhuma proteção. Tive medo dele, medo de ficar doente ou ser machucada”.

Logo, Alice percebeu que aquela não seria uma relação comum. Depois desse primeiro contato íntimo, as agressões continuaram. Não havia diálogo. Não havia amor. Não havia nenhum príncipe nessa história. O mundo de fantasias de Alice se tornou uma realidade de violência e abuso sexual, drogas, álcool, e humilhações. “Eu não saía de casa. Quando ele precisava sair, me deixava trancada. Estava presa”.

A única pessoa a quem ela podia recorrer era Bruna, sua própria aliciadora. “Passei a achar estranho quando Bruna voltou para Suíça e começou a frequentar a casa de Thomas. Eu tinha que ficar com os dois, tirar fotos íntimas com ela. Fazíamos tudo que ele queria. Mas, ainda sim, confiava nela, pois até então ela dava sinais de que me ajudaria a sair dali”, conta. Bruna realmente ajudou, mas levou a vítima para uma realidade ainda pior. Quando fugiu da casa onde era feita de escrava sexual, Alice se mudou para o apartamento de Bruna, onde foi recebida com a frase: “Sou sua cafetina agora. Morando aqui você vai ter que se prostituir para pagar as despesas”, avisou a aliciadora.

No mesmo conto de fadas em que Alice caiu, se en-

contram milhares de mulheres pelo mundo. Entre as formas de abordagem dos traficantes de seres humanos, uma das mais recorrentes no Brasil, segundo o Relatório sobre Tráfico de Pessoas 2014, do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, UNODC, é o falso romance.

Muitas vítimas são seduzidas pelos aliciadores, e acreditam que vão viver um grande amor. Assim, deixam suas casas e famílias no Brasil pela ilusão de um futuro companheiro. Nesse caso, a maioria dos aliciadores são homens e tem como alvo o público feminino.

Além dessa, há outras formas de recrutamento bastante sedutoras. De modo geral, o traficante se aproxima e oferece tudo que a pessoa sempre sonhou. De repente, um estranho vai estar por perto fingindo ter boa índole, se aproxima da vítima e da família. Ele vai ser a esperança, alguém que pode ajudar a pessoa a realizar seu sonho.

De acordo com o Relatório sobre Tráfico de Pessoas 2013, do Ministério da Justiça, crime é caracterizado quando a vítima é retirada de seu ambiente e fica com a mobilidade reduzida, sem liberdade para sair da situação, devido a ameaças, uso de força e retenção de seus documentos, entre outras formas de violência, que mantenham a vítima presa ao traficante ou à rede criminosa.

A exploração sexual é a principal finalidade do tráfico de pessoas. Porém, o crime não se restringe somente a isso, e também lucra com a exploração do trabalho, a remoção e transporte de órgãos, alguns crimes contra criança e o adolescente relativos à adoção irregular e hoje, também se encontra a mendicância forçada.

O tráfico para exploração sexual atinge uma proporção significativamente maior de mulheres no Brasil e no mundo. De acordo com o relatório do Ministério da Justiça, em 2013, 74,3% das vítimas brasileiras foram do sexo feminino. O UNODC também confirmou a estatística em nível mundial, revelando que, em 2011, 49% das vítimas eram mulheres.

O tráfico de pessoas pode ser comparado economicamente ao tráfico de drogas e de armas. A Organização das Nações Unidas, ONU, divulgou que, atualmente, mais de 2,4 milhões de pessoas

são traficadas por ano no mundo e o crime movimenta em média US\$ 32,5 bilhões. Desse valor, 85% provêm de exploração sexual.

O Brasil é um dos países mais visados como local de origem das vítimas. O país se tornou signatário do protocolo de Palermo em 1999, por meio da qual assumiu compromissos para o enfrentamento ao tráfico de seres humanos. Porém, segundo Rinaldo Barros, juiz de Direito do estado de Goiás, ainda hoje o país não possui leis suficientes e medidas eficazes para a prevenção do crime, proteção às vítimas e responsabilização dos envolvidos.

Apesar da existência de muitos relatórios e pesquisas, há uma grande dificuldade na coleta de dados nessa área. De acordo com o juiz, as informações são desencontradas e não retratam a realidade do tráfico no país. “Acredita-se que milhares de mulheres brasileiras sejam vítimas do tráfico de pessoas, porém, não se sabe exatamente quantas e nenhum documento capaz de apontar esses números”, disse ele.

A realidade vivida por ONGs e grupos de assistência às vítimas do tráfico também revela que na grande maioria dos casos o acesso à justiça brasileira é pouco eficaz. Atualmente, os dados que prevalecem como oficiais são os do Ministério da Justiça, que em 2013 detectou que 254 brasileiros foram vítimas do crime de tráfico de pessoas, em 18 estados do país. São Paulo e Minas Gerais tiveram o maior número de vítimas no ano de 2013. O primeiro com 184 casis e o segundo com 29.

O tráfico acontece de forma silenciosa. É um crime em que a pessoa é, ao mesmo tempo, objeto e a prova do crime, o que dificulta a produção de provas e a punição dos traficantes. Na maioria dos casos, a vítima não se sente segura para denunciar e para prestar seu depoimento na polícia ou na justiça.

Ainda segundo o juiz, não existe um sistema eficaz de estatísticas, porque os órgãos de enfrentamento não têm boa comunicação e, por isso, não há um banco de dados unificado no Brasil.

O estado de Goiás, por exemplo, apesar de não apresentar destaque no último relatório, que cons- tou apenas o número de 11 pessoas traficadas em 2013. Porém, a realidade do Estado é bem diferente. Segundo o juiz, Goiás sempre ocupou posição de



destaque no ranking, sendo um dos estados com o maior número de mulheres traficadas.

Ainda segunda Barros, Goiás tem sido um dos alvos preferenciais das redes de tráfico de pessoas ao longo dos últimos anos, especialmente, para fim de exploração sexual. “Penso que não haja uma resposta adequada a esta questão. Talvez, uma das explicações resida no fato de que o povo goiano, tradicionalmente, esteja afeito à migração, especialmente, para o exterior”, opina.

A Organização Internacional do Trabalho, OIT, considera que entre os fatores básicos de contribuição para essa modalidade de tráfico estão: a globalização, a pobreza, a ausência de oportunidades de trabalho, a discriminação de gênero, a violência doméstica, a instabilidade política, econômica em regiões de conflito, a emigração irregular, o turismo sexual, corrupção dos funcionários públicos e leis deficientes. A moça goiana Simone Borges, 24 anos, compartilhava do sonho de ir para o exterior trabalhar e juntar dinheiro. Ela era alegre, tímida e modesta. Não tinha muita ambição. Sua vontade era construir sua casa e garantir um futuro melhor para seu filho. Quando foi para Espanha tinha,

teoricamente, data para voltar e se casar, mas, a armadilha em que caiu não permitiu que o sonho se realizasse.

Em Goiânia, Simone levava uma vida simples, ao lado de seu pai, que era músico, sua mãe, dona de casa, e suas irmãs. Estudou apenas até o segundo grau, e trabalhava em vários ramos diferentes, já foi frentista de posto de combustível, vendedora autônoma de cosméticos, lingerie, ela se virava para ganhar seu sustento.

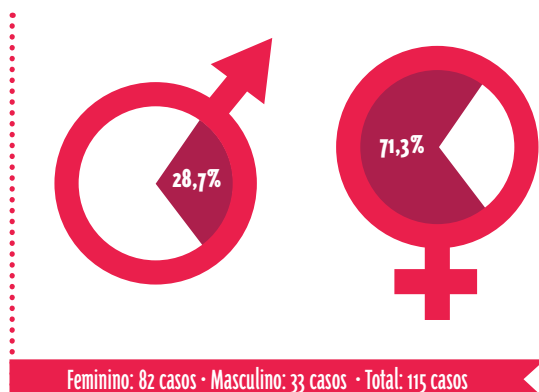
Simone viajou a convite de uma amiga de escola, integrante de uma quadrilha de tráfico de seres humanos, que ofereceu a viagem com passagem paga, moradia e lugar certo para trabalhar. Convencida de que ganharia muito dinheiro trabalhando na Espanha como garçonne ou auxiliar de cozinha, ela organizou os documentos, sem pensar duas vezes, e comunicou a família sobre sua ida. No dia 22 de janeiro de 1996, Simone, mais oito mulheres embarcaram no mesmo voo, que saiu de Goiânia com destino a Madrid, na Espanha. Ao chegar em Madrid, Simone e as outras vítimas estavam cheias de esperança, certas de que o sacrifício de estar longe valeria a pena.

Registro de tráfico de pessoas para exploração sexual 2005 a 2013

Ano	Exploração Sexual
2005	16
2006	55
2007	38
2009	86
2010	88
2011	4
2012	4
2013	41
Total por tipo	382

Notificações de casos de tráfico de pessoas - sexo, Brasil, 2013

Fonte: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes, VIVA/SINAN



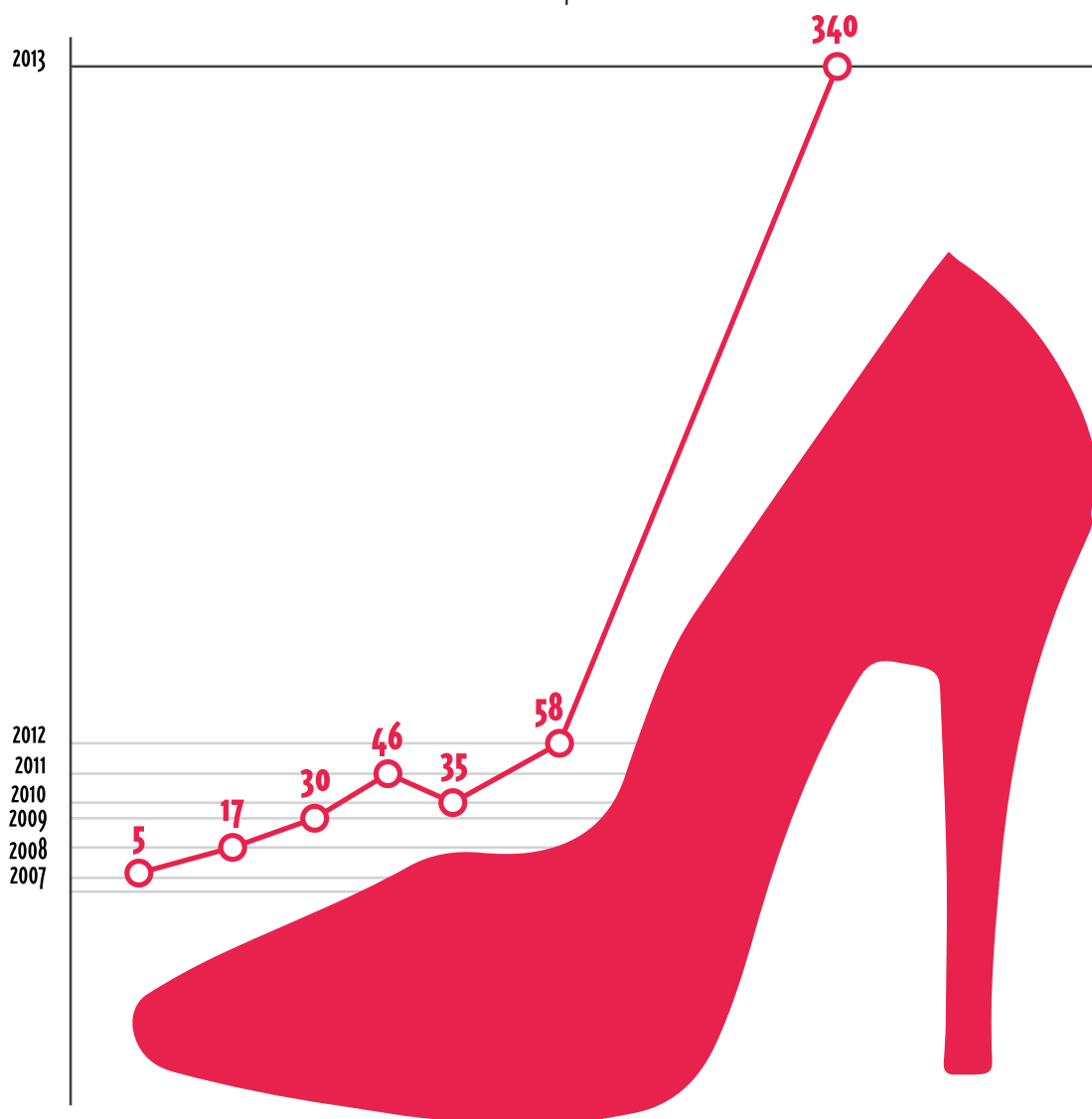
Classificação por gênero de vítimas de tráfico
para exploração sexual, Mundial, 2010-2012

Fonte: UNDOC

Mulheres – 97%
Homens – 3%

Número de denúncias de tráfico de pessoas, Brasil, 2007 a 2013

Fonte: Disque 180/SPM









Elas foram recepcionadas no aeroporto por outra integrante da quadrilha, que entregou para cada uma mil reais, e as direcionou para o município de Bilbao, na Espanha, com destino a um clube de prostituição.

A mãe de Simone, dona Maria Felipe, é uma senhora de 76 anos, que até hoje chora ao lembrar da filha e das madrugadas em que as duas passando conversando até amanhecer o dia. Ela acompanhou parte do drama da filha, e conta que, ao chegar ao clube, as vítimas tiveram o passaporte retido e lá, descobriram que tinha sido enganadas por uma quadrilha que traficava pessoas. A primeira recomendação que receberam foi “Se não se prostituir, não come”, conta a mãe da vítima.

Simone tinha que fazer, no mínimo, dez programas por noite. Se menstruassem, pagaria multa. A vítima já chegou com dívida que somava o valor da passagem, da diária do quarto, da comida, e das roupas que foi obrigada comprar para trabalhar. Tudo era cobrado.

Do lucro total noite, 80% ia para o dono da boate e 20% para Simone. Essa pequena parte que a moça recebia, era destinada a pagar sua dívida, também para o dono do estabelecimento. Para ela, não sobrava um centavo.

As vítimas do tráfico entram na prostituição, mas não conseguem sair facilmente. Elas só descobrem que já adquiriram uma dívida e devem pagar outras despesas, como alimentação e vestuário quando chegam ao país estrangeiro. Isso faz com que a dívida, em vez de diminuir, só aumente. Elas também são obrigadas a pagar, por exemplo, multas quando chegam atrasadas à boate ou por se recusar a atender um cliente. Quando os três meses de visto expiram, elas se tornam imigrantes ilegais e ficam totalmente nas mãos de cafetões.

Ocorrem espancamentos, extorsões e chantagens. Valdir Silva é advogado e está a frente do Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas do Estado de Goiás, ele explicou que as mulheres não ficam muito tempo em uma só boate para não criar vínculo com os clientes, “mesmo não falando o mesmo idioma, muitas vezes a vítima é salva pelo cliente ao contar sua história. Alguns descobrem e denunciam o caso, outros ajudam a moça a fu-

gir ou até mesmo tentam comprá-la para depois libertá-la”, explica.

A cada mês elas são vendidas para boates diferentes valendo menos. Quando não são mais úteis, estão doentes, debilitadas, ou velhas, elas são descartadas de qualquer forma, ou entram para a quadrilha e voltam para o Brasil para recrutar outras mulheres.

Simone planejava voltar o mais rápido possível. A cada ligação que fazia para a família semanalmente dizia para sua mãe “Quando eu conseguir pisar no Brasil de novo, nada mais me tira daí, mãe”, conta emocionada dona Maria. Mas, Simone não teve tempo para isso. Dois meses depois de sua ida, ela morreu.

No último telefonema, a vítima já estava no hospital e dizia, com a voz fraca, para seu pai “olha o que eles fizeram comigo, papai”. No dia seguinte, veio a notícia do falecimento, com um laudo que apontava tuberculose. “Foi uma morte muito estranha, ela era muito saudável. Ninguém explicou direito pra gente o que aconteceu”, relembra a mãe da vítima.

Depois de 22 dias, o corpo chegou ao Brasil e seguiu para o Instituto Médico Legal, IML, onde foi constatado que Simone nunca teve tuberculose, e que a causa de sua morte foi overdose. “Souberam que ela planejava voltar, por isso, envenenaram minha filha para que ela não denunciasse todo esquema”, era a convicção do pai da vítima, que lutou até o último minuto de vida contra o tráfico de pessoas pela memória de sua filha.

RESGATE

A volta é um dos momentos mais delicados. Há diversos aspectos físicos, psicológicos e sociais que devem ser trabalhados delicadamente. Segundo o Coordenador do Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico do Estado de Goiás, a recepção da família não é sempre a melhor. “Muitas vezes, a própria família culpa a vítima. Pensa que ela foi porque quis, e a pessoa passa a sofrer preconceito dentro da própria casa”, diz.

Marco Aurélio de Souza é pastor e Secretário Execu-

tivo do Projeto Resgate Brasil, a ONG que trabalha com intuito de resgatar mulheres traficadas e promover a ressocialização delas no país de origem. “Nós preparamos tudo. Temos escritórios em mais quinze países. Quando recebemos alguma denúncia, tentamos entrar em contato com a vítima por meio da ONG ou de algum órgão do país para conseguir trazê-la de volta”, explica.

O Projeto Resgate atua junto com o Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, que está presente em 17 estados do Brasil. O Núcleo oferece a vítima abrigo com proteção, auxílio jurídico, médico, psicológico e formação profissional para que ela passe a ter uma ocupação e possa se sustentar. Os principais destinos das vítimas brasileiras são Suíça, Portugal e Espanha. O relatório encontrou no ano de 2013 17 vítimas na suíça, 11 em Portugal e 3 na Espanha.

O SILÊNCIO DO TRÁFICO

A questão do tráfico ainda é obscura para a sociedade, até mesmo no meio jurídico. Muitas pessoas não acreditam nesse crime, pensam que todas as mulheres vão sabendo de seu destino, e que por isso, também seriam culpadas.

“É um desprezo, falta de consideração com o sexo feminino. Isso é preocupante. O problema não é a mulher se prostituir, ela tem direito sobre seu corpo. A questão é o fato dos abusos que ela sofre, a prisão, a exploração. O fato de ela perder sua dignidade. Por isso, lutamos contra o tráfico”, disse o coordenador do núcleo de Goiás.

CRIME QUE COMPENSA

A legislação brasileira ainda deixa sensação de impunidade para o tráfico de pessoas. Nenhuma das condutas previstas no Código Penal Brasileiro sujeita o agente à pena privativa de liberdade superior a oito anos, o que possibilita o cumprimento da sentença penal em regime aberto ou semiaberto, nos termos do artigo 33, § 2º, do Código Penal. Em muitos casos, é possível a substituição por penas restritivas de direitos.





TEXTO E FOTOS: LORRANNY CASTRO E THALLITA ALVES

DESIGN: LEILANE GAMA E WENDERSON OLIVEIRA

ILUSTRAÇÃO: WENDERSON OLIVEIRA

O universo dos surdos, muitas vezes incompreendido pelos ouvintes, é o que vamos demonstrar nessa fotoreportagem. As imagens feitas na Escola Bilíngue de Taguatinga/DF, mostram o dia dos jovens e crianças que ali estudam. Retrata quão colorido é o universo das pessoas que se comunicam com as mãos e a importância do ensino direcionado para suas necessidades, pois como disse o professor Gerrá Leite Correia de Araújo – 55 anos, “O mundo dos surdos é a escola”.





A brincadeira faz parte do aprendizado e criança é sempre criança em qualquer cultura, ouvinte ou não ouvinte, a espontaneidade é marca dos pequeninos. As cores são como luzes nesse caminho repleto de desafios.



A escola é a porta de entrada desses alunos para o mundo, suas descobertas e interações começam ali, e seguem para dentro de casa, para o grupo de amigos e por onde eles vão. Sua linguagem desperta os olhares e a curiosidade de muitos ao mesmo tempo que os convida para descobrir o que não é familiar.







Um das características essenciais da cultura surda é a sinalização, todos os membros possuem um sinal que equivale ao nome para nós ouvintes. Eles se comunicam visual e manualmente, seus gestos e expressões são intensos e traduzem sentimentos, reações. Outra característica é o aparelho auditivo usado por surdos de grau leve ou com implante coclear.







ESCOLA BILÍNGUE
TAGALOGA







A surdez não é uma limitação para o aprendizado, criatividade e interação social dessas pessoas, pelo contrário ela lhes permite aprender, agir, e compreender a vida de uma forma diferente, valorizando pequenos gestos e aproveitando os momentos mais simples.





A atenção e carinho dos surdos para com aqueles ao seu redor transpõe as barreiras comunicacionais e cria vínculos de amizade e interação ao passo que enxergamos facilmente um EU TE AMO.



O TEMPLO DAS DEUSAS PAGÃS

TEXTO: MARIANNA LOZZI

DESIGN E INFOGRÁFICO: MATHEUS DANTAS ALMEIDA

FOTOS: LOYANE ALVES E RAPHAELE CAIXETA



Entre emaranhados de raízes, estátuas recebem visitação diária. São momentos em que doces, flores e jóias são depositadas aos p s de altares, em elogio aos deuses. Na manhã de 26 de setembro, uma bandeja com quitutes coloridos havia sido conduzida até uma clareira no jardim, e, os pirulitos, jujubas e balas, depositados ao redor de um monumento que poderia passar pela representação de uma menina, não fossem as asas. A deusa Fada acabava de ganhar uma oferenda, mas eram os habitantes da Chácara Templo da Deusa que se sentiam presenteados. Localizada a 22 km do plano piloto, na rodovia DF 140, a propriedade é a primeira wiccan village do Brasil, e funciona como ponto de encontro para praticantes de religiões pagãs ao redor de todo o país.

◀ A MESA PRONTA PARA O RITUAL DE CELEBRAÇÃO DO MABON, QUE REPRESENTA A CHEGADA DO INVERNO.

wicca

Athena, Afrodite, Morrigan, Lúcifer, Hécate, Ísis, Danu — incontáveis deuses e deusas de diferentes culturas e mitologias estão representados na Chácara Templo da Deusa por meio de altares que podem ser discretos como formações rochosas, altar para a deusa Morrigan, ou elaborados como corujas de pedras, altar para Athena. As oferendas funcionam como forma de mediar o contato entre os deuses e humanos, a fim de que haja uma convivência harmônica. A propriedade de 21 mil metros quadrados conta com três casas de três e quatro quartos, dois templos, um refeitório e já foi lar de mais de 40 pessoas que se mudam para a capital no intuito de aprender bruxaria e viver a religião no dia a dia. A chácara está inserida na Tradição Diânica do Brasil (TDB), a primeira tradição brasileira de wicca, fundada em 2001.

Religião neopagã, politeísta e matriarcal, a wicca é influenciada por crenças pré-cristãs e foi fundada pelo antropólogo Gerald Gardner na década de 50. Apesar de incluir elementos do paganismo e espiritualidade, a crença mescla tradições folclóricas a elementos mais modernos e é sustentada por culturas de diversos povos e praticada com maior força na Europa Ocidental, berço da religião. O escopo de deuses que formam o corpo da grande mãe, a Deusa tida como a força geratriz do universo e de tudo que ele contém, é ilimitado. Animistas, os wiccanianos acreditam que tudo é dotado de vida e desempenha papel de igual importância para a manutenção do corpo da Deusa mãe, seja animal ou mineral, animado ou inanimado. Divindades oriundas de todas as mitologias, sejam elas celtas, egípcias, africanas, gregas, romanas ou brasileiras são bem vindas no panteão de deuses cultuados por wiccanianos de todo o mundo.

No domingo de 27 de setembro, os 11 habitantes da chácara permaneceram em seus quartos até depois do horário habitual. Estavam cansados devido ao ritual da noite anterior, que seguiu madrugada adentro sem interrupções, e seria retomado nos dois

sábados seguintes. A vigília para Ganesha, uma divindade hindu representada por um homem de quatro braços com cabeça de elefante conhecido como o “removedor de obstáculos”, foi a maneira escolhida de pedir por prosperidade ou, em outras palavras, por fartura nas contas bancárias. O ritual, no entanto, não era o evento destaque do final de semana no Templo da Deusa, pois, assim que caísse a noite, teria início o Mabon, uma das festas mais importantes do calendário wicca.

Naquele domingo de fim de setembro, a aridez acumulada durante os meses da seca castigavam a pele daqueles que, em breve, jogariam túnicas sobre os ombros, na caracterização do ritual. A chácara estava anormalmente cheia, cerca de 30 pessoas se revezavam entre as casas e carregavam travessas de comida, sacos de castanhas, nozes, amêndoas e avelãs. A fartura faz parte da celebração do Mabon, que ocorre no equinócio de outono do Hemisfério Norte e no de primavera no Hemisfério Sul, e simboliza a segunda colheita do ano, época em que a presença do sol rareia e é preciso se preparar para as adversidades do inverno. O momento é de desprendimento, pois é sabido que a maior parte dos alimentos não durará até a próxima estação, então, comemora-se a extinção do sol com um verdadeiro banquete compartilhado entre amigos e comunidades vizinhas. Apesar do conflito entre as sazonalidades dos hemisférios Norte e Sul, os bruxos latino-americanos comemoram o Mabon como se, de fato, um inverno rigoroso estivesse anunciado e fosse hora de agradecer pela colheita, literalidades à parte.

“Peço permissão para entrar no Círculo Sagrado da Grande Mãe” entoa a primeira mulher, em fala parecida com a daqueles que a sucederiam. Um por um, os convidados do Mabon no Templo da Deusa se

A MESA PRONTA PARA O RITUAL DE CELEBRAÇÃO DO MABON, QUE REPRESENTA A CHEGADA DO INVERNO. ►







alinham por ordem de sexo (primeiro as mulheres) e idade (preferência dos mais velhos). Os dedicados da tradição, aqueles que iniciavam os estudos, trajavam túnicas brancas e, os iniciados, aqueles que passaram pelo período que dura a dedicação e cumpriram todos os requisitos, trajavam túnicas negras. De frente para a fila, uma mulher de cabelos loiros e compridos aparentando 50 anos convocava um por um com o olhar e, com mãos espalmadas, ouvia os pedidos, recitados indistintamente. Depois, segurava-lhes as mãos e convidava-os a entrar no Círculo Sagrado da Grande Mãe.

Na sala, várias cadeiras, um sofá e duas poltronas dispostas em círculo. Em uma mesa encostada na parede, um arranjo de velas, pães, sementes oleaginosas e uma garrafa de vinho com uma única taça. Aqueles que ainda não haviam entrado no cômodo, deveriam cumprimentar os que lá já estavam com dois beijos na bochecha e a frase: “Perfeito amor, perfeita confiança”. Somente quando todos já haviam se acomodado, a mulher loira que os recebeu na fila sentou em uma das poltronas, vazia não por acaso, e começou a falar. Ela prescindia de apresentações, pois todos sabiam que estavam frente a frente com Mavesper Cy Ceridwen, proprietária da Chácara Templo da Deusa e a bruxa mais influente do Brasil.

Sentada na poltrona de sua sala de estar, Mavesper dificilmente se enquadraria na noção popular de bruxa. Com um vestido florido, chinelas havaianas e uma lata de cerveja na mão, cumprimenta a todos com casualidade e fala em tom calmo e ritmado, longe da eloquência atribuída a líderes religiosos. Uma tatuagem no pulso esquerdo e discretas mechas cor cereja na ponta dos cabelos descoloridos são marcas descontração, assim como o hábito de afagar os gatos que competem por um espaço no seu colo, ou de coçar as orelhas dos cachorros que deitam ao redor de seus pés.

Apesar de desempenhar papel de matriarca dentro do Templo da Deusa, a atuação da bruxa sacerdotisa não se restringe à propriedade. Militante da bandeira por um estado laico em defesa ao diálogo interreligioso, Mavesper é, antes de tudo, uma

figura política. Nomeada para o Comitê de Diversidade Religiosa da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República em novembro de 2011, a sacerdotisa é uma presença constante na mídia. Em 2013, devido à tragédia na boate Kiss, em Santa Maria, na qual um incêndio acidental levou à morte de 234 jovens, Mavesper representou o Comitê em uma solenidade ao lado da presidente Dilma Rousseff, em homenagem às vítimas.

Uma das pioneiras da prática de bruxaria no Brasil, a sacerdotisa escreveu dois livros sobre o assunto, é presidente da Associação Brasileira de Arte e Filosofia da Religião Wicca (Abrawicca), mas não se basta nisso. O que poucos sabem é que Mavesper Cy Ceridwen é também Márcia Bianchi Prates, consultora legislativa na Câmara dos Deputados, cargo cuja função é dar suporte técnico para deputados na elaboração de projetos de leis, pareceres em processos legislativos, discursos e estudos. O seu trabalho atual é a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Petrobras. Dona de dois nomes, um civil, com o qual foi batizada, e um pagão, escolhido para a prática de bruxaria, Mavesper é, de fato, uma figura política.

A MÁ

“A gente leva uma vida boa juntos, com buscas imediatas. Eu pretendo terminar a faculdade, estamos pensando em trocar de carro, não existem grandes epopéias no nosso casamento”, diz Chronos Phaneon Eosphoros, 38 anos, com o semblante tranquilo em um fim de tarde. Casado com a “Má”, apelido que ele e os demais habitantes do Templo da Deusa usam para se referir à Mavesper, há dez anos, Chronos trabalha com programador de computadores, cursa direito na Universidade de Brasília (UnB) é estagiário da esposa em um consultório de advocacia que ela mantém por fora do trabalho na Câmara.

O casal que, em 20017, comprou a propriedade hoje conhecida como Templo da Deusa e o transformou na primeira comunidade bruxa do país se conheceu em um ritual no Parque da Cidade há mais de dez anos. Na ocasião, Chronos ainda iniciava os estudos na tradição e Mavesper já era uma sacerdotisa conhecida: “A Má é uma celebridade, eu não. Então, eu a conheci, mas ela não me conheceu”, conta, com





◀ LORRO IMUS CUM DELLUPTA DOLO
QUAE SOLESTI UNTIIS ACERO CUPTIS
MAGNATUS AT

bom humor, enquanto acende um cigarro da marca Parliament. Só conversaram pela primeira vez alguns anos mais tarde e, depois de descobrirem múltiplas afinidades, não tardaram a alugar um salão no bairro Park Way para celebrar o casamento que os mantém unidos até hoje. “As únicas semelhanças entre a cerimônia de casamento wicca e a cristã é a troca de votos e alianças”, diz Chronos, e explica que a religião pagã exige que os votos do matrimônio sejam renovados anualmente durante os primeiros anos de união e, passado esse período, a cada cinco anos.

“A wicca tem uma máxima chamada Perfeito Amor, Perfeita Confiança, que basicamente significa que as pessoas devem viver honestamente umas com as outras”, diz Chronos. O programador explica também que, dentro da comunidade, eles se organizam em covens, nome dado a grupos de bruxos que convivem em dinâmica semelhante a de uma família, e que prezam pela transparência e pelo auto-conhecimento, peças chave na tradição inaugurada por Mavesper. “Eu e a Má fazemos parte do Coven Círculo de Prata, o que compõe bem com o casamento. Nós não escondemos nada um do outro”, explica com serenidade, antes de apagar a bituca de cigarro na sola do sapato.

Quando atravessa o jardim 6h40 todas as manhãs e entra no carro para ir até a UnB, Chronos vira automaticamente Rodrigo Oliveira Peres, nome registrado em sua carteira de identidade e, do outro lado dos portões da chácara, nome através do qual o mundo o reconhece. Quando inauguram o período de dedicação na religião, os wiccanianos devem escolher um nome mágico ou pagão com que deverão ser chamados a partir daquele momento, e que pode ser composto por palavras de qualquer cultura ou mitologia e deve simbolizar algo que a pessoa almeja se tornar ou uma qualidade que ela gostaria de realçar, pois o propósito desta escolha é promover transformação.

No cartão de visitas que distribui aos clientes, o nome do Web Designer e Designer Gráfico Sebastian Baltazar vem seguido das palavras Josimar Mesquita, nome civil do paulista de 27 anos que se mudou para o Templo da Deusa em julho de 2013. Praticante de wicca há 7 anos, Sebastian vem de uma família católica e começou a estudar tarô por

conta própria quando tinha 11 anos, pois era fascinado pelas histórias que as cartas do jogo adivinhatório ilustravam. Quando completou 14 anos, a mãe de Sebastian faleceu e, desde então, intensificou-se nele a necessidade por uma crença espiritual, característica que o jovem mais tarde descreveria como vocação sacerdotal, a mesma força que leva padres e freiras, por exemplo, a se isolarem da sociedade em busca do recolhimento contemplativo. Com os bruxos não é diferente.

“Foi maravilhoso! O choque que eu senti quando cheguei aqui foi de não conceber que eu poderia morar em um lugar desses”, lembra Sebastian, sobre o momento em que trocou os gorgolejos da selva de pedra pela tranquilidade da chácara brasiliense. Hoje, o jovem trabalha como assessor do Templo da Deusa, além de desenvolver sites para uma clientela majoritariamente esotérica. “Todos nós temos que trabalhar para contribuir com a manutenção da chácara e, como se trata de bruxaria contemporânea, muitos arrumam empregos na cidade”, explica o jovem, e dá o exemplo do marido Kalevi Silvanus, 21 anos, cujo nome civil é Washington Luís e trabalha como atendente em um McDonalds do Plano Piloto.

Sebastian e Mavesper se conheceram em janeiro de 2010 através da internet, pois ele havia lido um livro recém publicado chamado Wicca Brasil: Guia de Rituais das Deusas Brasileiras e decidiu entrar em contato com a autora para comentar a obra. “Eu tinha ouvido falar do Templo da Deusa, mas não sabia que era da Mavesper. Quando perguntei à Má que opinião ela tinha sobre o lugar ela apenas respondeu ‘Eu moro lá’”, lembra o Web Designer, aos risos. A partir desse momento, Sebastian começou a prestar assessoria tecnológica para Mavesper e os dois se aproximaram ao ponto de ele se mudar para Brasília para ajudá-la. “O Templo da Deusa mantém as portas abertas para novos moradores, que precisam se submeter a um processo seletivo intenso. Mas já vou avisando que não é fácil morar com a gente, são muitas personalidades fortes embaixo do mesmo teto”, brinca.

Para explicar a familiares e vizinhos a mudança do filho para Brasília, a mãe de Dragony Scatha, que ela havia batizado como Marcelo Giordani há 29 anos, comparou-o a um padre. O mineiro de Santa

LORRO IMUS CUM DELLUPTA DOLO ►
QUAE SOLESTI UNTIIS ACERO CUPTIS
MAGNATUS AT



LORRO IMUS CUM DELLUPTA DOLO ►
QUAE SOLESTI UNTIIS ACERO CUPTIS
MAGNATUS AT





Luzia conheceu Mavesper em um evento de bruxaria em São Paulo por meio de uma amiga em comum. No mesmo ano, viajou para Brasília para participar do Bruxo@s Brasileir@s em Brasília (BBB), evento de três dias de bruxaria ininterrupta que ocorre no Templo da Deusa durante o terceiro final de semana de julho e, ao contrário do programa de entretenimento homônimo, já está na décima sétima edição com níveis de audiência crescentes. Dragony mudou-se para a chácara em 2012, com apenas uma semana de diferença da paraense Morgana Luna Boanna, de 37 anos, batizada Rosa Helena, que hoje é casada com o bruxo mineiro e mora com ele, Sebastian e Kalevi na “casa rosa” da chácara, apelidada assim devido às paredes de cor vibrante.

“Ela é a autoridade dentro da casa, cobra da gente que as coisas sejam feitas, mas não levanta a voz, isso nunca”, relata Dragony, sobre a convivência com Mavesper. Sebastian ainda acrescenta: “Se você estiver em um ritual com a Má é evidente que existe uma força mística que exerce poder através dela, ela é uma autoridade que se expressa sem esforço, é a natureza dela”. O Web Designer explica também que uma das missões atribuídas à proprietária do Templo da Deusa é desmistificar a religião: “Quando você diz que a wicca é bruxaria as pessoas reagem com medo e aversão, o preconceito é forte”.

“A gente cria muita expectativa, fantasia bastante, então, quando eu conheci a Má e vi que ela era uma pessoa normal, tomei o maior dos sustos. Por algum motivo achei que ela chegaria pairando sobre mim em plumas”, recorda Sebastian. O jovem também explica que a criação do Templo da Deusa surgiu da necessidade que muitos bruxos sentem de encontrar um lugar onde possam fazer rituais e praticar magia sem serem hostilizados. “A wicca não é uma religião com pontos de encontro fixos. Não temos igrejas, centros culturais, o nosso templo é a natureza, o corpo da mãe terra”, diz o paulista, e abre os braços para simbolizar os arredores.

LORRO IMUS CUM DELLUPTA DOLO
QUAE SOLESTI UNTIIS ACERO CUPTIS
MAGNATUS AT ►

O SERVIÇO NOVO

Patrícia dos Santos, 31 anos, estava desempregada há aproximadamente um mês quando o telefone tocou. Ela e o pai, José Armando, 55 anos, haviam se inscrito em uma agência de empregos, na esperança de trabalharem na mesma residência como empregada doméstica e caseiro. A voz do outro lado da linha anunciou que havia surgido uma proposta para a dupla, mas era em um lugar que praticava uma “religião diferente”. José Armando, o seu Zé, católico praticante, não se incomodou com a informação, e Patrícia, que não tem religião, tampouco. Assim chegaram ao Templo da Deusa, local onde pai e filha trabalham há dois meses.

O serviço de Patrícia é restrito a casa onde Mavesper mora com o marido e o filho de 10 anos do casal, o Gustavo, apelidado Gual. Além de zelar por toda a propriedade, trabalho de seu Zé e inclui os cuidados com uma horta nos fundos do terreno, que até agora não gerou alimentos que pudessem ir à boca do fogão comandado pela filha, mas é o projeto preferido do caseiro. “Nós praticamos bruxaria contemporânea. Quando as pessoas ouvem falar sobre o Templo da Deusa, fantasiam que plantamos todos os alimentos que consumimos, mas não é bem assim. Para isso, tem um mercado aqui ao lado”, brinca Mavesper, toda vez que alguém toca no assunto da horta. Também cabe à Patrícia e a seu Zé cuidarem dos 27 gatos e 10 cachorros que transitam pela propriedade com pertencimento, como se também fossem sacerdotes e sacerdotisas.

“Gosto muito da dona Márcia. Ela é legal e trata a gente bem, é muito correta” conta Patrícia, acostumada a receber elogios pelo profissionalismo. Durante a semana, a notícia que tomou conta da chácara foi que Patrícia havia recebido uma proposta de emprego no qual foi ofertado um salário melhor, não se falava sobre outra coisa. “Assim que soube, dona Márcia me ligou e nem alô disse. Já começou com ‘Nem venha querer fazer isso comigo, a gente precisa de você aqui!’, ficou foi doida!”, lembra Patrícia, e ri, pois já havia recusado a proposta quando recebeu a ligação.

A grande cozinha vazada onde Patrícia prepara o almoço também é o espaço usado para a confeitaria Camila Bianchi, 20 anos, assar bolos e tortas. A pequena casa de paredes azul royal no Templo da Deusa é habitada por Camila, pelo namorado e pela filha do casal, a pequena Luna Ísis, de 2 anos. Além de Gustavo e Camila, Mavesper tem dois filhos, Flávia, 23, e Fábio, 19, que não moram com ela. Os quatro foram adotados.

“Tá ficando cada vez mais difícil ver a minha mãe por causa dessa CPI da Petrobras, ela tem hora para ir mas não tem para voltar”, Camila comenta com Patrícia, enquanto toma um copo d’água. A garota mudou-se para a chácara quando tinha apenas 10 anos e Gustavo ainda era bebê. Durante a infância praticava a religião, fez todos os ritos de passagem, como apresentar-se para Ártemis, deusa virgem da caça na mitologia grega (os meninos se apresentam para Apolo, deus da juventude, da luz e irmão gêmeo de Ártemis). Aos oito anos, escolheu o nome mágico ou pagão Sorchia Titânia, que significa “a brilhante rainha das fadas”. Com a chegada da adolescência, porém, Camila perdeu o interesse na religião. “Quando disse para a minha mãe que não queria mais participar dos rituais ela respeitou minha decisão e me apoiou”, lembra Camila, que, hoje, só pratica o Yule, celebração que ocorre 22 de dezembro, no solstício de inverno do hemisfério norte, data que originou o Natal cristão.



“Minha mãe era muito disputada, todo mundo queria um minuto da atenção dela e eu sentia um ciúme danado”, conta Camila, que não entendia porque tinha que dividir Márcia com tantas pessoas. Não era rara a presença de jornalistas na casa em que cresceu, bastava ver câmeras e microfones para a garota se esconder, aversa a flashes. “Tanto a Márcia quanto a Mavesper apareciam na televisão. A Mavesper participava de programas que falavam sobre bruxaria e paganismo. Já a Márcia, estava no noticiário da noite, por causa das CPIs”.

ANTES DE SER MAVESPER

Aos dezessete anos, a paulista Márcia Bianchi não fazia idéia que um dia se transformaria em Mavesper. Na época, suas preocupações se resumiam aos estudos na Faculdade de Direito do Largo São Francisco da Universidade de São Paulo (FADUSP), os encontros com os amigos e a convivência com os pais. Filha de uma professora de história e de um administrador de empresas, Márcia teve uma educação “católica não tão praticante”, como ela mesma define. A família de classe média descendente de italianos ia à missa aos domingos e se bastava nisso, sendo, em alguns aspectos, bastante liberal.

“Meu pai me dizia que não havia nada errado em falar palavrão, mas eu devia aprender onde podia e onde não podia falar, para não me meter em encrenca”, conta Mavesper. A linguagem dentro de casa era tão desinibida que, aos três anos de idade, quando passou por uma cirurgia para retirar as amídalas e os pais perguntaram ao médico se ela estava bem, este respondeu: “Está ótima, já me mandou ir à merda três vezes”.

Quando completou 17 anos, a jovem Márcia, que até então se considerava bastante católica, foi assaltada por um período de intenso questionamento em relação à religião. O ano era 1980 e ela havia acabado de passar pela crisma, já havia feito primeira comunhão e, apesar de conhecer os anais obscuros da história da atuação da igreja católica, não se deixava abalar. “Eu praticava o catolicismo e fazia confissões, mas tinha perfeita noção que essa prática surgiu historicamente como maneira de espionar senhores de outros feudos em relação ao poderio capitalista da igreja. Isso não influenciou minha fé. Eu era católica, bastante católica”, lembra. Depois da crisma, porém, a garota se sentiu tomada por indagações que ganharam contornos fortes, e passou a exigir da religião um caráter transformador. “As pessoas não saíam da missa mudadas, apenas reafirmavam dogmas e certezas arraigadas. Se houvesse uma real comunhão com o sagrado, isso não aconteceria”.

À procura do tal caráter transformador, Márcia iniciou uma peregrinação religiosa que duraria cerca de dois anos. As igrejas evangélicas foram as primeiras, conheceu todas à disposição na Moóca, bairro em que habitava com a família na época. Passou por igrejas batistas, luteranas, independentes e adventistas, mas concluiu, ao final da jornada: “Não é pra mim”. As duas avós da garota eram católicas, mas frequentavam centros espíritas kardecistas e terreiros de umbanda aos sábados, sem deixar de ir à missa aos domingos. Após passar por alguns centros espíritas, Márcia concluiu: “Não é pra mim”. Imperturbável na busca por uma fé



que respondesse às suas perguntas, a adolescente entrou em contato com sinagogas, igrejas ortodoxas, igrejas armênias, mesquitas e diversas formas de espiritualidade orientais, como o budismo, hare krishna, mahikari e seicho-no-ie. Apesar do sincretismo intenso, a conclusão permaneceu inalterada: “Não é para mim”.

O que poucos sabiam na época é que existia um lado velado na história de Márcia, e a busca insaciável por uma fé que respondesse a todas as suas perguntas surgia como sintoma de um problema maior. “Desde criança eu produzia fenômenos paranormais e telecinéticos. Eu via gente morta e conversava com eles desde que me entendo por gente. As pessoas se assustavam, eu também me assustava”, revela Mavesper. A sacerdotisa tem um repertório farto de histórias sobre ocasiões em que foi testemunha de situações improváveis, como a vez em que, aos 13 anos, foi dormir na casa de uma tia e, quando acordou no dia seguinte, todos os quadros e espelhos da casa estavam empilhados em cima de seu corpo. “Esse tipo de coisa era tão corriqueiro”, conta, com desapego. Quanto aos pais de Mavesper, adaptaram-se e aprenderam a conviver com todo tipo de situação. “Eram os anos 70, as pessoas eram mais abertas a esse tipo de coisa”, explica a sacerdotisa, entre goles de cerveja.

Em 1982, Márcia ainda não havia se assentado em uma fé, mas passou por um período a que hoje se refere como “explosão de vidência”, no qual o contato com espíritos de mortos se intensificou. Exasperada para normalizar a vida, a jovem de 19 anos entrou em contato com um grupo chamado “Pró-vida”, que se denominava espiritualista racional. “A abordagem que eles usavam para explicar os fenômenos parapsicológicos era científica, e isso me atraiu”, explica a bruxa, que participou dos encontros do grupo por dois anos e trabalhou em laboratórios de cura com cristais, pirâmides e clarividência.

O próximo acontecimento na vida de Márcia se deu quando acompanhou uma de suas avós em um terreiro de Umbanda e, pela primeira vez na vida, concluiu: “Isso é pra mim”. A nova protegida do caboclo Pedras Verdes e do caboclo de Oxossi testemunhou um desenvolvimento meteórico de mediunidade e, menos de quatro semanas após ter atravessado



LORRO IMUS CUM DELLUPTA DOLO QUAE SOLESTI UNTIIS
ACERO CUPTIS MAGNATUS AT.

A RODA DO ANO:

Conheça as oito festas mais importantes do calendário pagão



Yule

Solstício de Inverno (21 de dezembro). É comemorado o nascimento do Deus Sol e o começo de uma vida nova após o inverno. Desta data se originou o natal cristão.

Imbolc

(1º de fevereiro). O sabbat anuncia a primavera, celebra o despertar da terra e o crescimento do Deus sol, assim como o crescimento individual. O ritual também é conhecido como festa de fogo ou noite de Brigit, uma deusa celta.

Ostara

Equinócio de primavera (21 de março). É o festival em homenagem à Deusa Oster, Senhora da Fertilidade, cujo símbolo é o coelho. O jovem Deus Sol cresce a todo instante e a terra começa a florescer.

Beltane

(1º de maio). É um dos sabbats mais festivos da Roda do Ano. A primavera dá lugar às primeiras florações do verão e o Deus Sol, que é um jovem no auge da fertilidade, e se apaixona pela Deusa.

Litha

Solstício de verão (21 de junho). O Deus Sol está no auge do poder e é coroado como o Senhor da Luz. Também é um sabbat de despedida porque, embora o Deus esteja em sua plenitude, está à beira do declínio, e em breve se despedirá da Deusa.

Lammas

(1º de agosto). Uma festa tipicamente agrícola, na qual se agradece a primeira colheita do ano e os pagãos recolhem todo o trigo que plantaram.

Mabon

Equinócio de Outono (21 de setembro). É a segunda colheita do ano, momento de agradecer pela fartura das estações passadas e se preparar para o inverno rigoroso.

Samhain

(31 de outubro). Também conhecido como Halloween ou Dia das Bruxas, este é o mais importante dos festivais pagãos marca tanto o início quanto o fim de um novo ano. É a noite ideal para se comunicar com os que já partiram, porque o véu entre o mundo dos vivos e dos mortos se torna mais tênue.

a porta do terreiro pela primeira vez, estava na linha de passe, incorporando entidades e promovendo o contato entre vivos e mortos. Certo dia, o chefe do terreiro a chamou e disse que poderia fechar a vidência dela, se assim desejasse. Márcia tirou uma semana para pensar sobre o assunto, mas resolveu assumir a mediunidade.

Os 15 anos seguintes da vida da paulistana seriam marcados pela influência da Umbanda. “Eu nunca faltei uma gira, era questão de honra. Parecia que, se eu não fosse, faltava um pedaço de mim”, lembra a sacerdotisa, e afirma que, até 1989, a simples ideia de mudar de religião era impensável. No período, a advogada de 26 anos trabalhava em um escritório especializado em pareceres de processos civis e fazia mestrado em direito, além de participar do culto de matriz africana. Neste ano, o contato de Márcia com os guias espirituais se intensificou, e eles passaram a exigir que ela entrasse em contato com livros de outras religiões. “Era uma espécie de estudo orientado, quando eu entrava em uma livraria, o meu caboclo e a minha preta velha me indicavam quais livros eu deveria comprar e, dentro deles, quais páginas era para eu ler”, conta, com sobrancelhas arqueadas e olhar fixo. Um dia, a dinâmica mudou. Quando Márcia entrou em uma livraria, a preta velha apareceu para ela e a disse que, desta vez, ela só poderia levar um livro pra casa. Disse também que era ela quem deveria escolher esse livro, e que ele seria um divisor de águas em sua vida. Em passeio pelas prateleiras, Márcia optou pelo O poder da bruxa, da norte americana Laurie Cabot, fenômeno de vendas e uma das primeiras obras sobre o Wicca a serem publicadas no Brasil.

A leitura impressionou Márcia, mas a jovem tinha a impressão que a prática de bruxaria era restrita aos Estados Unidos e Inglaterra, berço da literatura pagã. Outro impedimento era a incompatibilidade da Umbanda, uma crença cristã, transcendente e patriarcal, com a Wicca, religião, pagã, imanente e matriarcal. “São diametralmente opostas, instintivamente eu sabia que não poderia praticar as duas, são incompatíveis”, justifica a sacerdotisa. A leitura do livro de Cabot desencadeou uma série de acontecimentos que, mais tarde, ela reconheceria como o chamado da Deusa.



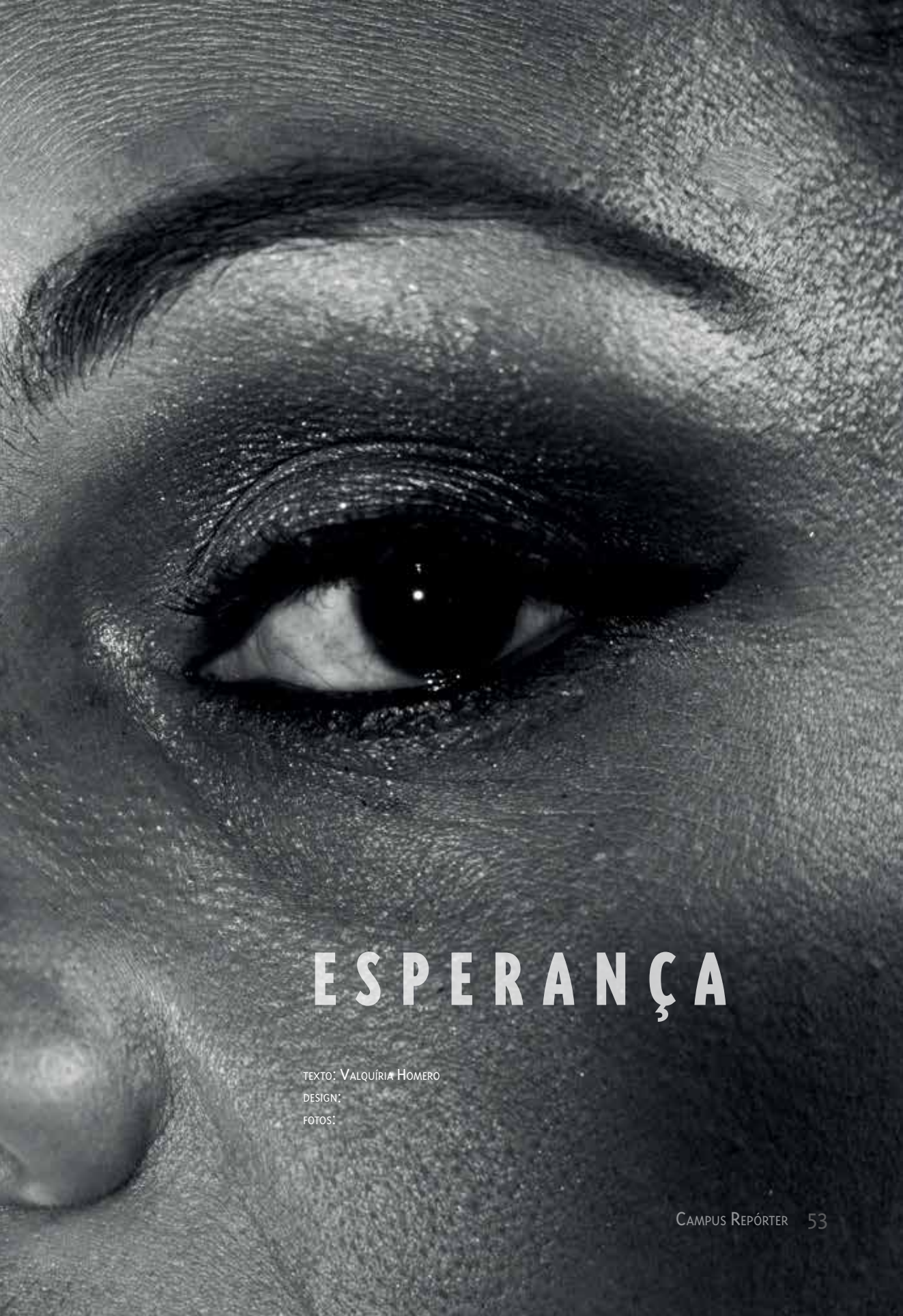
O CHAMADO DA DEUSA

Ao voltar do trabalho de metrô, Márcia se acotovelava entre uma multidão de pessoas que, assim como ela, só desejavam entrar no vagão e ir para casa. A jovem, porém, começou a sentir que estava sendo observada, e viu que, no lado oposto da plataforma, um estranho a fitava com olhos fixos. Quando começou a ficar incomodada, o homem saiu de cena e, poucos minutos depois, reapareceu ao seu lado. Ele havia dado a volta no metrô só para falar com ela. “Eu não te conheço, mas ontem sonhei com a lua e ela tinha o seu rosto”, disse-lhe. O curioso era que, assim como aquele homem, Márcia também sonhava com a lua com certa regularidade. “Nos meus sonhos, a lua caía no meu jardim, entrava na minha casa, aproximava-se de mim e fazia alagar tudo. Coisas da Deusa”, lembra, e ensaia um sorriso nostálgico. Em certa ocasião, ela contratou uma empregada e, no primeiro dia de serviço, a outra lhe disse: “Dona Márcia, ontem eu sonhei que tinha uma moça nua de cabelos longos em uma praia. Ela estava sentada em uma concha, contou que se chamava Afrodite e me mandou dizer que era para a senhora ir ter com ela”.

“O chamado da Deusa nunca é teórico”, diz Mavesper e explica que, apesar dos conflitos vividos na época, resolveu permanecer na Umbanda. Em 1991 passou para um concurso na consultoria legislativa na Câmara dos Deputados e se mudou para Brasília. No mesmo dia em que desembarcou na capital, começou a procurar por novos terreiros, mas não encontrou um com o qual se identificasse. “Meu guia falou que queria um só pra ele, então comecei a garimpar apartamentos em quadras comerciais”. Oito meses mais tarde, 22 pessoas trabalhavam para desenvolver mediunidade no pequeno apartamento localizado na SQN 406 Norte, o terreiro de Márcia. “Funcionava na base do boca a boca. Corria notícia que eu resolvia problemas, então as pessoas vinham até mim”. Apesar do sucesso da empreitada, a consultora ainda sentia o peso do conflito entre os orixás e a Deusa, pois ambos exigiam dedicação exclusiva. “Eu me sentia esgarçada, como se fosse um cabo de guerra. Cada um puxava de um lado e o cabo se despedaçava”, conta. “Chegou uma hora em que eu me revoltei e pedi à Deusa e aos orixás que sanassem o conflito e que decidissem de uma vez por todas qual religião eu deveria praticar, e que mandassem um sinal inequívoco, caso contrário, não faria mais porra nenhuma”, conta Mavesper, e gesticula com rispidez. Uma chuva caudalosa caía através da janela da sala de jantar, noite afora, a primeira trégua da seca. Os trovões e relâmpagos se intensificaram e as luzes da chácara se apagaram, uma a uma, mas o escuro não intimidou a bruxa, que prosseguiu com o relato.

Na mesma semana em que Márcia exigiu resolução por parte dos guias espirituais, aconteceu a primeira das improbabilidades. “Em uma só noite, todas as 22 pessoas que eu auxiliava na linha de passe me comunicaram que estavam se mudando de Brasília por motivos diversos. Nenhum deles tinha rompido comigo ou com a Umbanda, estavam apenas deixando a cidade. Pensei que aquele poderia ser um sinal, mas desconfiava que era um teste para persistir na minha missão.” Na quinta-feira seguinte, o amigo de Márcia que era dono do apartamento na SQN 406 que ela alugava, avisou-a que ela teria que abandonar o endereço, porque a fundação da casa recém construída em que ele habitava no Lago Norte com a família havia afundado inexplicavelmente. “Eu falei: Tudo bem, já entendi o recado”.





ESPERANÇA

TEXTO: VALQUÍRIA HOMERO

DESIGN:

FOTOS:

PERFIL

O pai saiu de casa quando ela tinha cinco anos, assim, sem maiores explicações. Passou a infância comendo o que a mãe trazia da padaria onde trabalhava, porque o dinheiro não dava para comprar carne. Mas só até os 13. Depois disso foi morar na casa da irmã mais velha, bem ali, no caminho que costumava fazer para ir à escola. O costume morreu, e a escola ficou para trás. Já a menina ficou nessa casa, onde conheceu oito travestis, alguns traficantes, as baladas de Taguatinga e a merla. Perdeu a infância e depois a virgindade no “mocó” do seu primeiro namorado. Que é o mesmo que marido, para quem vive na rua. E ela viveu, ou fez o que pode para sobreviver. Por 18 anos.

Um tempo admiravelmente longo, quanto tantos outros ficaram pelo caminho - muitos dos seus amigos morreram por causa do HIV. E quando ela se sentia só, recorria à droga, única companhia realmente constante. No êxtase e na depressão, na fissura e na solidão. Até que a morte venha e lhe tire outros tantos amigos. Por overdose ou na disputa hostil pelos entorpecentes. E ela, que sobreviveu para narrar um pouco da história, conta que nenhuma droga isola tanto quanto o crack. São mais de 50 mil usuários só na região Centro-Oeste, segundo a pesquisa mais completa sobre o assunto realizada em 2013 pela Fundação Oswaldo Cruz. Desse, quase metade vaga pelas ruas, como fantasmas que permanecem na memória daqueles que se deram o trabalho de notar sua presença.

E se por um lado é difícil lidar com a saudade dos mortos, por outro, conviver com os vivos também traz suas dores. Feridas que deixam marcas sob a pele, na alma. Como quando partes do seu crânio

saíram pelo nariz ensanguentado, após a surra de um dos seus parceiros violentos. Foi preciso sentir uma faca pressionada contra seu pescoço antes de decidir se libertar de outro relacionamento abusivo. O homem que amava foi esfaqueado no peito antes que ela pudesse lhe dar um filho - da mesma maneira que não pode dar à luz nas suas duas primeiras gestações. Na primeira, ela tinha dezesseis anos. A segunda, dezessete. Dois abortos espontâneos. A terceira filha sobreviveu, mas só por um dia. Os dois que estão vivos hoje são filhos de traficantes.

Hoje, com 32 anos, ela continua lá. Na rua.

Dividindo esse vasto teto que é céu do Distrito Federal com outras 2500 pessoas, de acordo com a estimativa da Secretaria de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos, ela luta. Ela, dos lábios trêmulos e da voz firme, com uma história que parece se repetir em cada rosto que busca nas vielas sujas e nas esquinas. Ela está na rua sim, mas porque quer. Porque encontrou um propósito e uma utilidade para todas as dores que sentiu e todas as coisas que perdeu: fazer o que ninguém fez por ela.

“Facilitadora”, é o que diz o crachá da Associação Casa Santo André que ela traz junto ao peito. O nome que vem logo em cima é Jane. Mas para seus irmãos de rua ela poderia ser chamada de outra forma - como aquela que não desiste de ninguém e que vai para todos. Jane, para eles, tornou-se um outro nome da esperança.

FACILITADORA DO QUASE IMPOSSÍVEL

“Eu me sinto lisonjeada, né? Por poder ajudar eles”, confessa Jane, com um sorriso. Todas suas frases são ditas num tom de interrogação, como quem está sempre em busca de uma resposta. A voz um pouco rouca, cansada de dizer tanto. Ou desacostumada a ser ouvida. Mas seus pontos finais são carregados de convicção, com a propriedade que só a experiência pode dar. Experiência que lhe garantiu seu emprego atual, o primeiro com carteira assinada. “Eu tenho o jeito de falar, a gíria deles. Sei quando eles não quer conversa, quando eles tão de boa... Então eu que falo ‘pode vir’ pra galera. Eu vou sozinha, e eles vem atrás”.

A galera, no caso, é a equipe que trabalha com Jane na abordagem de pessoas em situação de rua. Já faz dois anos que a Casa Santo André executa o programa Cidade Acolhedora do Governo do Distrito Federal, oferecendo assistência a pessoas em situação de rua, capacitação e auxílio para retomar o vínculo com os familiares. E todas as atividades partem da abordagem de pessoas como Jane e seus colegas, que procuram fazer com que os moradores aceitem o acolhimento na Casa. Além dela, facilitadora, o time



é composto por um conselheiro, um motorista, e o chefe de equipe.

“Facilitadora é a função mais importante. A gente ganha menos, mas...” acrescenta ela, rindo. Brincadeiras à parte, o trabalho é levado muito à sério por ela. “Tenho vontade de ajudar eles, e não é só pelo salário. Eu gosto. E quando não consigo resolver o problema deles, eu fico chateada, né?”. Infelizmente, não são poucas as vezes que isso acontece. Jane precisou aprender essa lição ainda no começo.

“Foi o primeiro ‘cliente’. A gente ainda estava na capacitação”, conta ela. “A gente tava conversando com outros, e esse rapaz passou. Ele não queria nem conversa. Mas escutando minha conversa com os outros, parou pra ouvir. A coisa mais bonitinha, ele. Eu me encantei. Aí, pela experiência que eu tive, pelo meu testemunho, ele teve a vontade de sair naquele dia. A gente pegou e levou ele para a Casa. Aí no outro dia fomos levar outro, e ele tava lá, no mesmo lugar que a gente tinha tirado”.

Depois disso, ele sumiu.

Passaram-se algumas semanas até que outros moradores comentaram com a Jane que haviam matado um rapaz. Descreveram o menino - era bem ele. Arrumou guerra por estar vendendo rapadura dizendo que era crack. Pelo que Jane ouviu, um bando o encurralou à luz do dia. Um deles falou para um dos moleques:

- Ó, se você não matar ele, quem vai morrer é você.

Aí deu a faca pra ele. E o moleque, de menor, foi lá e pegou a faca. E matou.

Isso te desmotivou?

“Não. Isso me deu mais vontade ainda. E agora eu tenho a história dele para falar: ele teve a oportunidade dele, e não quis. E foi a última chance dele, foi naquele dia. Ele quis na hora, mas não pegou”.

E como você faz para alcançar essas pessoas?

“Eu me mostro. Mostro a foto da minha identidade e do meu crachá. Muitos falam que eu tive ajuda, e eu

digo que não. Não foi minha família que foi me buscar. Eu que tomei a decisão e sai. Então eu procuro me mostrar. O produto que eu uso é eu mesma (risos). É a minha história”.

Como eles te recebem quando sabem que você já passou por isso?

“Alguns não querem nem papo. Aí eu vou contando a história e eles já começam a se abrir. Aí eu falo de uma briga que eu já tive, da polícia que já me bateu, eles vão entrando e eu consigo entrar na mente deles. Tem uns que no início eles não quer dar nem o nome. Depois de eu contar minha história, já fala o nome, de onde veio, passa até o telefone e o endereço da família. Tem uns que vai só pela minha conversa, só pra ir. Não sei se é só pra me agradar, nem que seja só pra ir num dia e voltar no outro. Mas alguma coisa eles pegam, né? Que eu passo a experiência de como que eu fiz pra mim sair, pra não ser pega no meio da galera, pros polícia não me bater... Eu explico pra eles como fazia e eles ficam mais espertos. Uns vão pra casa, outros não - mas já tem outra manha”.

Então você não explica só como sair da rua.

“Quando quer sair da rua, eu explico como tirar força pra sair - que é de Deus. Se não tiver essa força, ninguém consegue, não tem como. E explico também como fazer lá na rua - não ficar jogado, tomar banho, escovar os dentes... E vai mudando, alguma coisa vai mudando”.

Qual o maior preconceito que as pessoas tem com quem vive na rua?

“Achar que todos são ladrão. Que quem tá ali é tudo porque quer, é ladrão, assassino. Só porque você tá na rua, porque você tá sujo, você já é visto como ladrão, como um vagabundo que não quer nada da vida, sendo que tem todo tipo de situação lá. Ninguém vai pra rua porque quer e pronto”.

O que você acha que uma pessoa nessa situação precisa ouvir?

“Vai em frente, luta. Enquanto há vida, há esperança. Tenha fé em Deus, se apegue nele de alguma forma,



grita socorro. É como a gente fala na capacitação: todos que estão ali tem capacidade. Todos tem força, coragem. Não existe caso sem esperança, tem esperança para todos. Mesmo um aidético em caso terminal. Com fé você move montanhas”.

Como você olha para essas pessoas?

“Às vezes eu tenho dó. Porque é muito dolorido ali, aquela situação. Você já tá descreditado de tudo. Você acha que você não vale mais nada, você vale só a droga, só aquilo ali. Porque muitos não conseguem. Muitos lutam, alguns tem força, outros não tem. Mas eu fico com dó. Aquela situação ali, é o inferno”.

Você conseguiu sair desse inferno, quando tantos não conseguem. Por quê?

“Não sei não, minha filha (risos). Acho que eu consegui porque Deus tem um plano na minha vida e

“EU ME MOSTRO. MOSTRO A FOTO DA MINHA IDENTIDADE E DO MEU CRACHÁ. O PRODUTO QUE EU USO É EU MESMA. É A MINHA HISTÓRIA”



eu ouvi a voz de Deus na hora certa. Deus fala com a gente em qualquer horário, em qualquer lugar, de qualquer jeito que você tiver. Se você pode estar com o cachimbo na boca: Deus fala no teu coração. Ele tem um plano na nossa vida. Pode ser que eu vá morrer hoje, mas dependendo do que você faz, Ele pode acrescentar seus dias. Ele pode dizer 'não, eu vou deixar ela aí porque eu tenho certeza que, pela ideia dela muita gente vai conseguir'. Eu acho que é assim. Eu sobrevivi confiando em Deus".

Muita gente, no seu lugar, teria deixado tudo isso para trás. Mas você quis continuar convivendo com essa realidade. Por quê?

"Porque eu amo a rua. Eu amo aquelas pessoas, eu amo aquele lugar. E para mim foi bom, porque se não fosse o serviço, eu ia querer voltar lá. Eu ia querer ver meus amigos, e seria perigoso eu voltar sem ser no meu serviço. Então é uma forma de eu ver meus amigos, deles me ver e de eu conviver com eles. E mudar a vida deles também, como a minha tá sendo mudada".

O que você mais gosta na rua?

"A liberdade. Eu amo a liberdade. Na rua a gente se sente livre. As pessoas também, os vínculos que eu criei lá. Eu amo aquelas pessoas".

Algo te assusta na função que você tem hoje?

"Na minha função? Eu me assusto, sei lá, com a inveja, que não tem nada a ver. Com as coisas ruins que tem. Não só a luta que eu passo com os usuário, não só com a droga. E nisso é minha luta também. E eu vejo eles fazendo uso... Tô me libertando ainda e tenho que me controlar. Porque ali eu sei que tô no meu serviço. Mas e depois, quando eu saio? Quando eu tô com o dinheirinho na mão?... Tudo isso eu tenho que me policial, entendeu. Pra eu não cair de novo".

No que você pensa para se controlar?

"Eu penso na minha família, em tudo que já aconteceu. E no que eu tô fazendo hoje, na melhora dentro casa. A minha mãe anda feliz. Meus filhos andam bem na escola. Quando eu fazia o uso, não era isso.

Era só... só derrota. E hoje eu tenho força de pensar que sou eu que compro o alimento pra eles comer dentro de casa, eu que compro os cremes deles, né? Então se eu não tiver... e aí como vai ser?"

Qual a parte difícil de ser facilitadora?

"Algumas pessoas tem preconceito, porque a gente já foi de lá [da rua]. Se você é um facilitador e tomar uma cerveja, já era. Já desandou. Eu acho chato, não ter confiança. Falam que você pode cair qualquer hora, que você é doente. Mas, pra mim... Não me incomoda muito não, porque eu sou eu mesma. A luta foi muito grande. Eu sou vencedora e ninguém vai me tirar isso. Eu consegui eu mesma, correndo atrás. Não foi através de ninguém. E para mim eles vão ter que me engolir. E daqui para frente vai ser melhor ainda".

E o que seu trabalho como facilitadora representa para você?

"Para mim esse emprego foi um presente de Deus também, né, que lá eu posso mostrar pra eles que há solução, que tem como sair de lá. Que se eu consegui sair, eles podem conseguir também. Foi o melhor emprego que Deus pode me dar, porque é a experiência que eu tenho, né? A única que eu tenho. Eu enxergo uma grande oportunidade para mim crescer e para eles. No meu tempo não tinha isso não. É como se a gente fosse os anjos, né? Que tá ali pra falar dos direitos que eles tem. Porque a gente, quando tá nessa situação, acha que a vida que a gente tem é só aquilo mesmo. Acha que você não tem mais direito de nada, nem a documento".

Sua vida foi marcada por muitas perdas, e também por uma grande vitória. Qual foi a lição que você tirou de tudo isso?

"Dar valor na vida, dar valor no que você tem. Dar valor na cama que você tem, na mãe que você tem, nos filhos... Dar valor à tua família. Que eles que tá lá sempre, toda hora, entendeu? Dar valor na vida que você tem. Nas pessoas. Pra mim eu aprendi a dar valor mais na minha mãe".





A ESPERANÇA QUE JANE NUNCA PERDEU: ELA MESMA

Jane começou a valorizar a mãe só depois que perdeu o pai, aos cinco anos. Perdeu ele para o mundo, para outra família e para o silêncio da falta de justificativa. E mais tarde, para a morte. Essa foi a primeira perda de muitas. A vida arrancou de Jane vários amigos, três filhos e um grande amor.

Mas uma conquista nem a vida, nem a morte, nem a solidão e nem a violência conseguiram arrancar do peito de Jane - o amor por si própria.

“Eu sou perfeita, né? Não me falta nada, Deus me fez perfeita. Me olhei no espelho e vi que pode ter um defeito aqui, um cabelo ruim, um machucadinho aqui, um amassadinho ali... Mas eu sou perfeita. Aí eu sempre tive autoestima. Eu pedia pra ir no banheiro pra eu me maquiar, tinha meu estojo de maquiagem, tinha meu alicate pra tirar a cutícula... sempre tive. Acho que nem meu amigos não aceitavam muito bem. Porque eu ficava que nem eles na noite, né? Assim, ficava igual bicho, amanhecia tudo suja. Mas tinha aquele negócio que eu tinha que tomar banho e passar o batom todo dia”.

Por que você acha que era diferente dos seus amigos?

“E eu acho que era pilha que os outros botavam e eu acreditava (risos). Falavam ‘não, Jane, você não é a mesma coisa. Você é diferente. Mesmo assim não parece que você é um deles, parece que você tá aí só disfarçada’. Parecia que era só um personagem que tava lá. Que num era eu”.

E quem era essa personagem?

“O personagem? Eu não ligava pra nada não, só queria me drogar. Eu me drogava, me drogava, me drogava, bebia... Num tinha medo, num pensava na minha família. Não ligava. Esse personagem meu era mesmo pra tentar me esconder. Eu acho, né? Esconder quem eu era, tentar disfarçar pra ninguém perceber e me deixar um pouco, né. Acho que eu queria disfarçar os problemas que eu tinha em casa”.

Por que você sentia necessidade de fugir?

“Pela liberdade, né? Você poder fazer o que quiser,



“você não ter conta pra pagar, você não ter ninguém pegando no seu pé. Lá você tá livre. Acho que eu não tinha capacidade de enfrentar meus problemas mesmo, eu corria, eu não resolvia. Eu sempre deixava pra alguém resolver pra mim, sempre achava que minha mãe ia resolver. Eu pensava ‘lá na rua ninguém vai ficar pegando no meu pé, ninguém vai me cobrar, meus filhos não vai ver o jeito que eu tô aqui... É melhor correr, é menos um prejuízo lá em casa’. Aí... corri (risos)”.

Então você usava esse personagem para fugir. Mas quem é a Jane de verdade?

“A Jane de verdade, mesmo no personagem ela sempre existiu. Sempre foi generosa, sempre prestou atenção nos outros. Sempre me coloquei no lugar dos outros. Nunca fui de fazer maldade pra ninguém. Sei lá. Acho que eu sempre tive atitude de cair e levantar. De tá ruim, doente e me colocar de pé. Eu tomava banho, passava um perfume e já me sentia forte de novo. Mesmo fraca. A Jane mesmo é essa muito durona. Por isso que muitas pessoas exigem de mim”.

Você falou sobre como seus próprios amigos esperavam que você cuidasse de si mesma, nessa questão da autoestima. Então eu queria saber - o que é ser mulher para você?

“Mulher para mim ela tem que ser... mulher. Ela não pode se trocar por qualquer coisa. Você precisa honrar tua palavra. Mesmo na merda, onde quer que esteja. Tem que ter postura.”

E o que você precisaria para se sentir uma mulher plena hoje?

“Ser mãe de novo. Acho que mulher é ser mãe, né? Hoje eu faria tudo diferente”.

Outro ponto que chama atenção na sua história, como mulher, foram seus relacionamentos. Você sempre se envolveu com homens que te violentaram fisicamente. Como você encarou essa situação?

“Às vezes eu queria morrer, sumir. Como é a pessoa fala que ama e bate na gente? Mas eu insistia pra ver se ia mudar, né. Boba, imatura, inocente. Mas chegava um ponto... todos esses aí eu que saí fora, menos o que morreu. Eu pensava ‘já que é pra morrer, já que é pra me bater... vai me bater eu correndo, porque eu não quero morrer não’. Todos me ameaçavam, todos falavam que se eu largasse ia matar eu, ia matar minha família, que eu não ia ter paz - e eu não tinha mesmo não. Uma mulher apanhar de um homem, minha irmã, misericórdia! Sai fora, não insiste não. Ou tu corre, minha filha, ou tu morre. Deus me livre. Hoje, depois da experiência, nunca mais. Hoje eu que bato na cara, se vier com gracinha”.

E ela bateu de volta. Jane retribuiu todas as rasteiras que recebeu da vida permanecendo de pé. E com os pés firmes no chão, a cabeça sonha alto. Um mundo de oportunidade concretas para Jane, para a família que conta com ela em casa e para seus irmãos que foi cultivando vida à fora. O caminho dela continua sendo a rua, como sempre foi. O destino é a felicidade.





EXPEDIENTE

Campus Repórter é uma publicação semestral, produzida por professores e estudantes das disciplinas Laboratório *Campus Repórter* e Oficina de Diagramação Faculdade de Comunicação/UnB

Edições completas em:
<http://issuu.com/campus-reporter>

Para enviar comentários para a editora-executiva ou pedir algum exemplar da nossa revista, entre em contato pelo endereço reportercampus@gmail.com

Curta nossa página no [facebook.com/RevistaCampusReporter](https://www.facebook.com/RevistaCampusReporter)

Ano 10, nº 17, 2015
Faculdade de Comunicação/UnB

Direção Executiva

Márcia Marques

Edição

David Renault

Direção de arte

Célia Matsunaga

Direção de Fotografia

Marcelo Feijó

Alan Marques

Reportagem

Beatriz Pataro, Lorranny Castro,

Marianna Lozzi, Thallita e

Valquíria Homero

Fotografia

Lorranny Castro, Thallita Alves,

Loyane Alves, Raphaele Caixeta

Capa

Clawdia Prolongeau, Isabella

Veloso, Maria Carolina C. Brito,

Matheus Dantas Almeida

Foto da capa

Raphaele Caixeta

Projeto gráfico e diagramação

Clawdia Prolongeau, Isabella

Veloso, Leilane Gama Santos,

Maria Carolina C. Brito, Matheus

Dantas Almeida, Michael Leandro

Rios, Wenderson Oliveira

EnQuadrinhos

Raimundo Clemente Lima Neto

Agradecimentos

YouEnjoy Brasília

Fábio Hiroshi, Tiago Morais e
equipe

Gráfica Experimental - Ida/UnB
Mazinho

Faculdade de Comunicação/UnB

Diretor

Fernando Oliveira Paulino

Vice Diretora

Liziane Soares Guazina

Departamento de Jornalismo

Wladimir Gramacho

Departamento de Audiovisual e

Publicidade

Érika Bauer

Coordenação Comunicação

Organizacional

José João Curvelo

Endereço

Campus Universitário Darcy

Ribeiro, Faculdade de

Comunicação, ICC Ala Norte CEP

70.919-900 Brasília-DF

Tel. (61) 3307 2461

Caixa Postal 04660

www.fac.unb.br

Impressão

Gráfica Coronário

Tiragem

3000 exemplares

Ano 10, nº 17, 2015

Faculdade de Comunicação/UnB

O mais importante para a FAC **SÃO AS PESSOAS**



O Sempre FAC é uma iniciativa de diálogo e intercâmbio entre egressos, professores e estudantes da Faculdade de Comunicação da UnB.

Participe de nossas ações!
[Facebook.com/groups/SempreFAC](https://www.facebook.com/groups/SempreFAC)



